II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Eixo temático:

O ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA: UM TRABALHO DE INTERVENÇÃO

Maria Eleusa Montenegro*- UniCEUB/DF – maria.montenegro@ceub.edu.br

Este trabalho teve como objeto o enfrentamento à violência em uma instituição de Educação Básica, na Região Administrativa de Brasília-DF, e procurou intervir no fenômeno da violência em suas várias dimensões, a saber, pedagógica, simbólica, física e material, praticada e sofrida por alunos, professores e corpo técnico. O objetivo foi aplicar medidas no combate à violência na escola, durante um ano escolar e verificar a eficiência dessas medidas. Para análise e discussão dos dados, foram utilizados os pressupostos das abordagens qualitativas e quantitativas, tendo sido adotada prioritariamente a epistemologia qualitativa proposta por González Rey, que a conceitua como sendo aquela que “defende o caráter construtivo interpretativo do conhecimento, o que de fato implica compreender o conhecimento como produção e não como apropriação linear de uma realidade que se nos apresenta”. O instrumento utilizado para pré-teste e pós-teste foi um questionário semiestruturado. Os 400 alunos foram atingidos pelo processo de intervenção, tanto no recebimento e discussão dos 8 (oito) folhetos de Campanha para a Paz, quanto na participação das 5 (cinco) atividades planejadas (curso de música e de dança, oficina de teatro, comemoração do dia da Consciência Negra e rodas de conversa sobre o Combate à Violência). Os resultados demonstraram que o trabalho desenvolvido teve repercussões positivas na escola, devendo, inclusive, continuar, que é o que está ocorrendo. Dentre os 25 alunos que responderam ao pós-teste, houve a participação em 23 das atividades; 16 receberam os folhetos e 12 os consideraram importantes; todos os alunos que participaram das rodas de conversa, consideraram que elas são importantes; 11 alunos disseram que o projeto contribuiu para a paz na escola, demonstrando que o trabalho teve influência no sentido subjetivo do aluno, havendo a interferência da subjetividade social e individual na produção de sentido subjetivo.

Palavras-chave: violência na escola; enfrentamento à violência; campanha pela paz.

*Agradecemos aos bolsistas Ana Lis R. dos Santos; Gustavo C. Ruffo; Karla Christina P. Batista, Junior Arthur C. de Oliveira e Amanda de S. M. Andrade, pela coleta dos dados deste trabalho.

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

1 INTRODUÇÃO

Este projeto teve como objetivo de pesquisa verificar a influência da interferência no combate à violência em uma instituição pública de ensino da Asa Norte, na Região Administrativa de Brasília-DF e procurou, objeto principal desta pesquisa, intervir no fenômeno da violência em suas várias dimensões, a saber, pedagógica, simbólica, física e material, praticada e sofrida por alunos, professores e corpo técnico, por meio de atividades e mensagens relacionadas à paz e ao combate da violência. A violência na escola, atualmente, constitui um problema social, considerada um dos principais males da sociedade. Em parte, é responsável pela evasão escolar, pelo afastamento de professores (licença médica), causada por doenças psicossomáticas (estresse), pelo baixo rendimento dos alunos, enfim, pelo medo e insegurança que acometem as escolas na maioria das regiões do país.

Casos de violência ocorrem a todo instante no Brasil e no Mundo, como o ocorrido em outubro de 2017, em que um aluno do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola particular, localizada em Goiânia, atirou contra outros estudantes de sua turma, deixando 2 mortos e 4 feridos. O delegado responsável pelo caso afirmou que o atirador estava motivado, segundo ele, pelo *bullying* causado a ele por um colega específico, e que se inspirou, também em outras tragédias (JORNAL NACIONAL, 2017).

Trata-se, portanto, de um problema da humanidade que, dialeticamente, ao mesmo tempo em que é causa, é também consequência, com profundos reflexos no ambiente escolar. Assim, vive-se um ciclo vicioso onde a violência urbana fomenta a violência familiar que, por sua vez, alimenta a violência na escola. Em 2013 já se divulgava que “44% dos professores da rede de ensino básico já haviam sofrido algum tipo de violência, sendo as mais comuns as verbais (39%) e as de assédio moral” (10%) (ESTADÃO, 2017).

Diante da situação de que há uma infinidade de diagnósticos sobre a questão da violência na escola, inclusive com propostas de ação, este trabalho pretendeu dar a sua parcela de contribuição no combate à violência, desenvolvendo ações que pudessem minimizar o problema. O objetivo geral deste projeto foi, durante um ano escolar, aplicar medidas no combate à violência na escola e verificar a eficiência dessas medidas na resolução dos problemas de violência.

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O tema violência sempre foi e, infelizmente, ainda será por muito tempo motivo de investigação científica. A comunidade científica busca explicações sociológicas, antropológicas, filosóficas, psicológicas, econômicas; todos os setores organizados da sociedade procuram justificativas e soluções para reprimir a violência inerente ao ser humano. Além do mais, a questão sobre a violência e suas diferentes manifestações na sociedade brasileira tem-se multiplicado e diversificado enormemente nos últimos anos, especialmente a partir dos anos 1980.

De acordo com Waiselfisz e Maciel (2003), conceituar violência não é tarefa fácil. Além de sua amplitude, complexidade e ambiguidade, duas questões tornam ainda mais difícil sua conceituação. A primeira delas diz respeito ao fato de que o termo violência se apresenta como um significante cujos significados são histórica e culturalmente construídos. A segunda questão está associada ao fato de que o mesmo termo pode referir-se a situações marcadamente diversificadas. Em pesquisa realizada pela UNESCO, a violência pode ser considerada como parte da própria condição humana, manifestando-se de acordo com arranjos societários de onde emerge.

Segundo Costa (2007), a violência é o emprego desejado de agressividade com fins destrutivos. Agressões físicas, brigas, conflitos podem ser expressões de agressividade humana, mas não necessariamente expressões de violência. Na violência, a ação é traduzida como violenta pela vítima, pelo agente ou pelo observador e ocorre quando há desejo de destruição. Vive-se atualmente uma crise mundial em que a violência tem sido o principal instrumento dos seres humanos para enfrentar todos seus problemas sociais, profissionais, financeiros e até afetivos.

Ao traçar um quadro da violência no Brasil, Arrieta (2000, p. 94) afirma que “a história do Brasil é, sob certo aspecto, uma história social e política da violência”. Lembra as repressões às lutas populares nas diferentes regiões do país, salientando que, nesse processo repressivo, não se economizou força, não se pouparam vidas. É importante levar em consideração, também, o poder da sociedade em geral. É nesta perspectiva que se insere o estudo sobre violência que relaciona Estado e sociedade. O Estado aparece, assim, como uma instância que reflete as

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

relações autoritárias existentes na sociedade e a maneira também autoritária de resolver seus conflitos e superar as diferenças e dificuldades nos campos econômico, social, político, cultural, assim como nas relações intersubjetivas de modo geral.

De acordo com Candau, Lucinda e Nascimento (2001), a violência é uma realidade na qual suas manifestações intraescolares se apresentam como reflexo da violência social. Neste sentido, é um fenômeno fundamentalmente derivado, cuja dinâmica se origina na sociedade e se reflete na escola. Seu dinamismo é de fora para dentro. A marca constituída da violência seria a tendência à destruição do outro, ao desrespeito e à negação do outro, podendo a ação situar-se no plano físico, psicológico ou ético.

A agressão física, simbolizada pelo estupro, pelas brigas em família, pela falta de respeito entre as pessoas, pela ruptura da liberdade e dos direitos do cidadão, pela invasão de privacidade, pela falta de solidariedade, pelo desrespeito aos direitos dos humanos: são modalidades de agressão que se caracterizam como física, psicológica, sexual e moral.

Na escola, infelizmente, grande parte dessas transgressões também acontece e a criança, por exemplo, que não assimilou regras básicas de convivência social, acha que tudo é permitido. Nesse sentido, Colombier, Mangel e Perdriaut (1999, p. 89, grifo dos autores) afirmam que: “[...] alunos indisciplinados e mal-educados atormentam professores, e estes não apresentam condições para ‘controlar a bagunça que corre solta dentro da sala de aula’. E o que é pior: não bastassem as conversinhas, os risinhos, as guerrinhas de papel, o respeito pela figura do professor passou a ser tão raro como uma nota 10 em redação”.

A crise de autoridade - tanto familiar quanto educacional - inegavelmente tem suas bases na relação familiar. Perpassa o conjunto das relações nas diferentes instituições da sociedade, repercutindo de forma direta na escola a ponto de alguns professores decidirem abandonar a profissão por não saberem enfrentar o desafio.

Quando alguém se depara com a violência nas escolas analisa de formas variadas os seus efeitos, como: a frieza nas relações, a indisciplina, os confrontos ocultos, as diferentes formas de ameaça, a destruição do ambiente escolar, as grades e os muros erguidos. O fato já nos é conhecido, não temos a necessidade de imaginá-lo. A cena da escola como o centro da formação do pensamento da espécie humana, parece ter sido trocada pela cena de breves guerras

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

civis, batalhas pequenas, porém visíveis a ponto de provocar um incômodo nos professores brasileiros (AQUINO, 1998).

Nesse sentido, compreende-se que, até pela necessidade de autodefesa, para os educadores de modo geral, a violência evidencia-se - de forma mais clara - na relação entre os alunos. Na perspectiva dos docentes, os discentes é que são violentos e geralmente os professores não se percebem *promotores* de atitudes de violência com relação aos alunos. É como se os professores, diretores e coordenadores pedagógicos fossem isentos de práticas violentas. Entretanto, muitas vezes colocam-se como autoritários, superiores, detentores do poder e das tomadas de decisões, ou seja, comportam-se como donos da instituição, seja ela pública ou particular.

Neste quadro de violência, a falta de indignação da população em relação ao problema, que considera apenas indisciplina por parte do aluno ou falta de autoridade por parte dos professores, diretores ou coordenadores, tem retardado a cada dia iniciativas para interromper tal situação.

Já sendo um problema conhecido, porém que tem ganhado força nos últimos anos, o *bullying* é uma forma de violência presente em toda a sociedade, principalmente no ambiente escolar. Caracterizado como um ato agressivo, antissocial e repetitivo, sua crescente manifestação é deveras preocupante, em razão das vítimas apresentarem problemas psicológicos a curto, médio e longo prazo. Como os casos são específicos, é necessário, para sua resolução, o entendimento do contexto onde está inserido o agressor. O trabalho de um psicólogo no enfrentamento direto e prevenção do *bullying* vê-se indispensável no ambiente escolar (FREIRE; AIRES, 2012).

Há alguns anos, a mídia divulgou amplamente o episódio do massacre de 34 estudantes na universidade Virgínia Tech, nos EUA (G1, 2011), episódio trágico que chocou o mundo, uma vez que foi seu autor um jovem estudante que, pelas características comportamentais, físicas e emocionais, fora ou se sentira vítima de *bullying*. Houve outro episódio, conhecido como o “Massacre de Columbine”, também nos EUA, retratado no documentário “Tiros em Columbine”, do cineasta Michael Moore (2002). Em abril de 1999, dois jovens, Eric Harris e Dylan Klebold, entraram na *Columbine High School* fortemente armados, assassinaram 12 colegas e uma professora, antes de acabarem com as próprias vidas. O fato chocou o mundo;

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

talvez seja mais chocante o motivo que gerou a realização da chacina: eles eram vítimas de *bullying*. Não é preciso ir muito longe. No Brasil, já houve casos semelhantes de adolescentes armados em escolas, com desfechos trágicos. Atualmente, diversas pesquisas e programas de intervenção *antibullying* vêm desenvolvendo-se em países da Europa e nos Estados Unidos. Por enquanto, o Brasil restringe-se a discutir o tema, fazer palestras e quando muito, publicar artigos com objetivos meramente acadêmicos.

Portanto, é preciso levar em consideração a emergência e a evidência dos fatos acima e considerar as determinações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/96) (BRASIL, 1996) e, ainda, os temas transversais (Ética, Cidadania, Educação Sexual e Desenvolvimento Sustentável) contidos nos Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação (PCN/02) que enfatizam a necessidade dos professores cultivarem os valores éticos e morais ao longo do processo educacional, ressaltando informações e proporcionando situações vivenciais (oficinas, *workshop*, projetos, pesquisas, etc.); enfim, propiciar oportunidades reais para que os alunos estejam permanentemente em contato com as teorias e as práticas relativas ao processo de construção da cidadania. Esta será a premissa que orientará o presente trabalho.

Acreditamos também que a Teoria da Subjetividade de González Rey, poderá contribuir para a análise dos resultados. Segundo Tacca a teoria da subjetividade, de González Rey (1997, 2003, 2004, 2006), permite avançar nessa reflexão, e nela estão propostas categorias que ajudam na compreensão da pessoa em sua singularidade, no contexto das múltiplas experiências nos diferentes espaços de sua vida social. Isso nos permite adentrar de forma simultânea nos alunos, em seus contextos e em suas histórias, criando condições para que se realize um trabalho pedagógico que signifique avanços no desenvolvimento. Iremos perceber neste trabalho, a interferência do trabalho, tendo em vista que ele se trata de uma pesquisa-ação, no sentido subjetivo do aluno. “O sentido subjetivo, na forma como temos desenvolvido essa categoria, representa um sistema simbólico-emocional em constante desenvolvimento, no qual cada um desses aspectos se evoca de forma recíproca, sem que um seja a causa do outro, provocando constantes e imprevisíveis desdobramentos que levam a novas configurações de sentido subjetivo”. (GONZÁLEZ REY, 2006, p. 33-34). Sobre a subjetividade individual e social, este autor afirma:

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

A relação entre subjetividade social e individual é bem mais complexa e contraditória, por meio da qual o comportamento do indivíduo se expressa com diversas contradições entre suas necessidades individuais e sociais, nas quais deve atribuir sentido para manter seu desenvolvimento pessoal no meio de sua expressão social. Entre o social e o individual, não há uma relação linear nem homogênea. (GONZÁLEZ REY, 1997, p. 132).

Dessa forma, a Teoria da Subjetividade poderá nos ajudar o esclarecer sobre o fenômeno da violência Escolar, verificando que o mesmo faz parte da subjetividade social e individual, e demonstrando também, que todo o trabalho no sentido da cultura da paz, poderá reverter a situação, na perspectiva de produzir resultados benéficos em configurações, que antes eram maléficas para a sociedade e para o indivíduo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para análise e discussão dos dados, foram utilizados os pressupostos das abordagens qualitativas e quantitativas, tendo sido adotada prioritariamente a epistemologia qualitativa proposta por González Rey (2005, p. 5-8, grifos do autor), que a conceitua como sendo aquela que “*defende o caráter construtivo interpretativo do conhecimento*, o que de fato implica compreender o conhecimento como produção e não como *apropriação* linear de uma realidade que se nos apresenta”.

O cenário escolhido para a pesquisa foi o Colégio Gisno, situado no Plano Piloto, Brasília, Distrito Federal. Trata-se de uma escola que possui as séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio e que, apesar de estar situado em uma área nobre do Plano Piloto, atende alunos oriundos da periferia de classes média baixa e baixa.

O turno vespertino possui 400 (quatrocentos alunos), os quais, todos foram atingidos pelo processo de intervenção, tanto no recebimento dos 8 (oito) folhetos de Campanha para a Paz, previstos, quanto na participação das 5 (cinco) atividades planejadas, e efetivadas no período de um ano escola.

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 Resultados do pré-teste

No total, 11 alunos responderam ao questionário, tendo em vista que este estava previsto para ser aplicado em apenas uma turma, sendo 8 alunos do sexo feminino e 3 do sexo masculino (todos entre os 12 e 16 anos de idade), pertencentes a uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental II. Para a maioria dos alunos, a violência significa “agressão à integridade física, psicológica a uma pessoa ou a um grupo”. Enquanto o bullying se caracteriza como “atos de violência verbal ou física contra pessoas”. Percebeu-se, portanto, que **os alunos não sabem distinguir violência de *bullying***.

“A busca por solucionar os conflitos por meio do diálogo e do entendimento, respeito aos direitos humanos no dia-a-dia, promover conceitos e ações de não-violência e uma cultura baseada em tolerância, solidariedade”, foi a definição mais assinalada para cultura da paz. Conclui-se, quanto a este aspecto, que **os alunos têm boa percepção sobre o que vem a ser a cultura da paz**. Verifica-se aqui que a subjetividade social se encontra atrelada à subjetividade individual dos alunos.

De todos os 11, apenas 5 alunos afirmaram que não há violência na escola, enquanto os demais ressaltaram que existe e destacaram o *bullying*, a violência verbal e física (valentões contra indefesos), desrespeito, descaso, drogas e brigas, como os principais exemplos. Dentre os inúmeros motivos por trás da manifestação de violência em âmbito escolar, segundo um estudo feito por Garbin et al (2015), os principais são: distúrbios psicológicos e mentais, influência do meio e a assimilação de um comportamento por presenciá-lo ou por convívio rotineiro.

O tipo de violência apresentado como o mais frequente na escola (com 8 escolhas) foi a verbal e a violência química, seguido pelo desrespeito aos professores (7), *bullying* (6), desrespeito aos colegas (5), violência física, desrespeito aos funcionários e abuso de poder e de autoridade por colegas e funcionários (5).

Segundo os alunos, os locais mais frequentes de violência na escola foram, na ordem de mais destacados: na escola como um todo (7 escolhas); no recreio e na saída (5); na sala de aula

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

(4); nos corredores (3); durante os esportes e nas imediações da escola (2); nos banheiros, no pátio e nas festas comemorativas (1 escolha cada).

As consequências que a violência trouxe para a escola, segundo os alunos foram, principalmente: o baixo rendimento dos alunos (8 escolhas); seguido pelo afastamento dos professores (licença médica) (6); medo e insegurança por parte dos professores (5); medo e insegurança por parte dos alunos (4); repetência (3); evasão escolar (2) e doenças físicas provocadas pelos problemas e pressões (estresse) (1). Apenas um dos alunos afirmou ter sofrido algum tipo de violência dentro da escola, o *bullying*.

Quando perguntados sobre sugestões para combater a violência do ambiente escolar, os alunos relataram maior rigidez nas regras e respeito. Todos afirmaram que a escola não possui nenhum tipo de estratégia, projeto, trabalho ou palestra no combate à violência escolar, e que não têm contado com a participação dos familiares (4 escolhas) ou têm contado apenas em parte (3 escolhas), na resolução do problema da violência. Às vezes, as escolas, a fim de combaterem a violência, utilizam-se de mecanismos disciplinares, com uso de sistemas de punições severos, incluindo expulsões e encaminhamento dos “maus elementos” à polícia, conforme pesquisa de Ruotti (2010, p. 353). Isto, com vigilância constante e postura rígida dos dirigentes (obediência mantida pela coerção), ao invés de estabelecer o respeito às regras de convivências instituídas. Tal atitude não induz ao respeito mútuo e nem demonstra a capacidade de “negociação de diferenças e conflitos no ambiente escolar”.

4.2 Atividades Desenvolvidas

As atividades previstas foram desenvolvidas em sua totalidade, mesmo com o período em que se aguardou a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa do UniCEUB. Inclusive, muitas atividades extras e, portanto, não previstas, mas com a finalidade de desenvolver a Paz na Escola, foram acrescentadas à metodologia da pesquisa, a serem apresentadas posteriormente, neste trabalho. Essa situação é prevista pelo modelo metodológico adotado neste trabalho, qual seja a epistemologia qualitativa, que pode permitir tanto a correção dos “rumos” da pesquisa, em seu desenvolvimento, como realizar novas atividades para potencializar os resultados.

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

As atividades previstas e desenvolvidas na pesquisa durante o período de um ano, segundo semestre de 2018 e primeiro semestre de 2019, foram: submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa, aprovado sem pendências; aplicação do questionário do pré-teste e tabulação dos dados coletados; entrega de oito folhetos sobre a Paz na Escola, com reflexão sobre os mesmos, em seis deles; realização do Concurso de Música e Dança, os quais, por sugestão da coordenadora da escola, motivariam mais a participação dos alunos (em todos os concursos os alunos vencedores, nos três primeiros lugares, receberam uma mochila com materiais escolares); a execução de atividades no Dia da Consciência Negra; três oficinas de teatro dadas por um professor de Comunicação do UniCEUB, com longa experiência na área; três rodas de conversas sobre os problemas da escola, com alunos de Psicologia do UniCEUB, do último semestre, sob a supervisão da professora de Psicologia Escolar; a aplicação dos questionários do pós-teste; reuniões semanais com toda a equipe e; uma reunião geral do Grupo de Pesquisa Prática Pedagógica e Formação do Professor, onde foi apresentado este trabalho e feito o convite para a ampliação da participação de seus integrantes, a fim de se alcançar maior êxito no trabalho. Nessa reunião, vários participantes do grupo de pesquisa propuseram-se a ajudar no projeto. Também, foi feito um estudo por uma professora do curso de Arquitetura do UniCEUB, sob a qualidade física do ambiente escolar do Colégio Gisno. Portanto, quanto aos objetivos inicialmente propostos, todos foram alcançados.

O que ocorreu de alteração na proposta inicial do projeto foi que se resolveu dar ênfase na comunicação ao termo A Paz na Escola, ao invés de O Combate à Violência, tendo em vista o caráter negativo que o termo violência encerra. Também, mudou-se a ordem de algumas atividades e inclusão de outras. Vale registrar que, em todas as atividades, tinham que estar presente o tema A Paz na Escola.

Haverá a continuidade deste trabalho por mais um ano, tendo como pressuposto a possibilidade de continuar contribuindo para o processo de superação da relação violência-escola, aprofundando mais ainda o trabalho realizado.

Várias outras atividades não previstas no cronograma inicial foram realizadas, quais sejam:

- conseguiu-se mais dois alunos do PIC/Júnior;

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

- foi realizada uma apresentação geral do projeto para todos os alunos atendidos, não prevista no planejamento;
- no primeiro concurso, o de música, teve mais participantes do que se esperava e se pôde contar com as valiosas contribuições de cinco voluntários especialistas em música, na realização das atividades e na composição do júri;
- após a entrega do primeiro folheto, decidiu-se inserir uma mensagem motivadora no verso dos prospectos, como um Caça-Palavra sobre o tema do projeto, uma música sobre a paz, de autoria de Gabriel, o Pensador, entre outros conteúdos;
- mandou-se confeccionar uma faixa, escrito “O GISNO e o UNICEUB na Campanha pela Paz”, a qual é afixada em todas as atividades;
- como os kits para presentear os vencedores do concurso de música não ficaram prontos, levou-se várias caixas de bombons para entregar aos vencedores, além de pirulitos para todos os alunos, estes últimos também distribuídos no concurso de música e dança;
- houve a sensibilização** em sala de aula de três folhetos entregues, o que também não estava previsto, atividade esta na qual contou-se com a participação de uma professora do UniCEUB e participante do grupo de pesquisa, ao qual este trabalho pertence;
- foi feita uma atividade para o dia da Consciência Negra, com uma dinâmica sobre a Paz na Escola, com a participação de todos os bolsistas do PIBIC/PIC, a qual contou também com a participação de voluntários (professor de música e animador, e uma estudante de Direito e estudiosa em Direitos Humanos;
Foram realizadas três oficinas de teatro, por um profissional da área.
- Duas alunas do curso de graduação do UniCEUB, também se prontificaram a ajudar voluntariamente no desenvolvimento do projeto;

**Neste trabalho o termo sensibilização é entendido como a discussão do conteúdo do folheto e não apenas a sua entrega, para a otimização dos resultados.

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

- A palestra foi trocada por Rodas de Conversa (três) onde, alunos do último ano de Psicologia do UniCEUB, sob a supervisão da professora de Psicologia Escolar, assumiram grupos de alunos e conversaram sobre as contribuições sobre a Paz na Escola.

4.3 Resultados do Pós-Teste

Na pesquisa realizada, dos 25 estudantes, 12 eram meninas e 13 meninos, sendo entre todos, 3 alunos com 13 anos de idade, 15 alunos com 14 anos de idade, 5 com 15 anos de idade e apenas 2 com 16 anos de idade. Destes, apenas 3 alunos estavam no 9 ano, enquanto os demais estavam no 8 ano.

Quando perguntados se reconheciam que ocorreu um projeto na escola sobre a paz, com participação do CEUB apenas 12 destes disseram que sim, e 1 especificou a roda de conversa. 10 alunos afirmaram que não participaram de nenhuma das atividades propostas pelo projeto, enquanto 2 participaram como concorrentes do concurso de música e 2 como ouvintes, 7 alunos no sarau da consciência negra, apenas 1 do concurso de dança, 3 da oficina de teatro e 7 da roda de conversa.

Sobre o recebimento dos folhetos, 16 os receberam e 9 não os receberam. Quanto ao fato de eles terem provocado alguma modificação nos alunos, 7 afirmaram que não, 6 não responderam ou não sabiam e 12 disseram que sim ou mais ou menos (transmitir paz, respeito, consciência e atitude). Quanto ao Dia da Consciência Negra, 15 não participaram ou não responderam e 11 participaram e gostaram (mostrou a relação da cultura afro com o Brasil; nunca devemos desprezar alguém).

Quanto ao concurso de dança, como houve um problema com o som, na hora, apesar de alguns alunos terem dançado sem o som, optamos por não tabular este item. Em relação à oficina de teatro, apenas 4 participaram, e gostaram mais ou menos.

Sobre as Rodas de Conversa, 15 alunos participaram e quase 100% gostaram e acharam importante. 10 não participaram ou responderam, mas as Rodas de Conversa não estavam disponíveis para todos os alunos.

Ao ser perguntado se as atividades desenvolvidas durante um ano escolar, se contribuíram para a paz na escola, 11 alunos disseram que sim (não há bullying, como antes; as

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

que mais contribuíram foram as oficinas e as Rodas de Conversa; ajudou os alunos a refletirem e as pessoas a ficarem mais tranquilas). 14 acharam que não contribuíram ou não responderam à questão (os motivos apontados foram que os alunos são hostis, que não contribuem, que houve falta de interesse e falta de educação por parte dos estudantes).

A respeito de quais atividades devem ser feitas na escola para contribuir com a cultura da paz, 12 alunos disseram não saber ou não responderam e 13 sugeriram atividades: cinco sugeriram rodas de conversa, dois citaram jogos e os demais citaram: concursos, atividades sociais, rotina menos cansativa, yoga, teatro, cinema, cartazes e atividades que envolvem colaboração. Perguntados se queriam dar mais alguma sugestão, alguns alunos sugeriram: atividades sobre a paz, aprendizado mais sério.

Diante dos dados apresentados, consideramos que o projeto foi significativo para a escola, devendo, portanto, continuar. Dos 25 alunos questionados, houve a participação em 23 atividades, 16 receberam os folhetos e 12 disseram que, com sua entrega, ocorreu algum tipo de modificação na cultura pela paz. 12 participaram do Dia da Consciência Negra e que o consideraram importante. Sobre as Rodas de Conversa, os resultados foram impressionantes. Apesar de somente alguns alunos terem tido a oportunidade de participar delas, 15 alunos participaram e quase 100% gostaram das rodas. Concluindo, 11 alunos consideraram que o trabalho contribuiu para a Paz na Escola e 13 sugeriram atividades de continuidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pôde perceber durante um ano de trabalho foi curiosidade por parte dos alunos, observando a realização das atividades; grande envolvimento dos alunos no concurso de música; empenho dos alunos bolsistas do PIBIC, inclusive dos alunos do PIC/Júnior; participação da coordenadora do Colégio no projeto, que proporciona total apoio e ajuda ao projeto. Destaca-se também o envolvimento de outras pessoas do grupo de pesquisa “Prática Pedagógica e Formação do Professor” e até de pessoas voluntárias (professores do UniCEUB e pessoas da comunidade, especialistas em algumas das atividades previstas), neste trabalho.

Acredita-se que, como resultado deste trabalho, possam ser sugeridas alternativas de soluções para escolas de outras regiões de Brasília.

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

A questão que se colocar ao final do trabalho é se cada escola, ou cada professor, tem condições de atuar na cultura da paz, independente de aguardar que os problemas macroestruturais da sociedade sejam resolvidos?

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. A violência escolar e a crise da autoridade docente. 1988. *Cadernos Cedes*, ano XIX, n.47. Disponível em:

<https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/33502069/Aquino_-_A_violencia_escolar....pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1524757792&Signature=bVWH1%2Fc8kpMkStLKUXAlfwFpmuI%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DA_violencia_escolar_e_a_crise_da_autorid.pdf>.

Acesso em: 26 abr. 2018.

ARRIETA, G. A. *A violência na escola: a violência na contemporaneidade e seus reflexos na escola*. Canoas: ULBRA, 2000.

BRASIL. MEC. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96*. Brasília: MEC. 1996.

CANDAU, V. M.; LUCINDA, M. da C.; NASCIMENTO, M. das G. *Escola e Violência*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

COLOMBIER, C.; MANGEL, G.; PERDRIAUT, M. *A violência na escola*. São Paulo: Summus, 1999.

COSTA, J. F. *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Grad, 2007.

ESTADÃO. *Cresce violência nas escolas*. 2017. Disponível em:

<<https://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,cresce-violencia-nas-escolas,70001949611.amp>>. Acesso em: 09 jan. 2019.

FREIRE, A. N.; AIRES, J. S. A Contribuição da Psicologia Escolar na Prevenção e no Enfrentamento do Bullying. *Psicol. Esc. Educ.*, Maringá, v.16, n.1., 2012.

G1. (2011). *Massacre em universidade deixou 33 mortos em 2007*. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/12/massacre-em-universidade-deixou-32-mortos-em-2007.html>>. Acesso em: 01 ago. 2019.

GONZÁLEZ REY, Fernando. *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Thomson, 2005.

BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

_____. O sujeito que aprende: desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica. In M. C. V. R. Tacca, *Aprendizagem e trabalho pedagógico*. Campinas: Átomo e Alínea, 2006.

_____. *Epistemología cualitativa y subjetividad*. La Habana, Cuba: Editorial Pueblo y Educación, Playa, 1997.

JORNAL NACIONAL. *Aluno atira em colegas dentro de escola em Goiânia e mata dois*, 2017.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/10/aluno-atira-em-colegas-dentro-de-escola-em-goiania-e-mata-dois.html>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

LOPES NETO, A. A.; SAAVEDRA, LH. *Diga não para o bullying*. ABRAPIA, 2004.

MOORE, M. Tiros em Columbine. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=5Hsy1yt1gpg>>. Acesso em: 01 ago. 2019.

TACCA, M. C. V. S. Produção de sentido subjetivo: as singularidades dos alunos no processo de aprender. *Psicol. cienc. prof.* v.28 n.1 Brasília mar. 2008.

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000100011>. Acesso em: 10 ago. 2019.

WASELFISZ, J. J.; MACIEL, M. *Revertendo violências, semeando futuros; avaliação de impacto do Programa Abrindo espaços no Rio de Janeiro e em Pernambuco* / Julio Jacobo Waiselfisz e Maria Maciel. – Brasília: UNESCO, 2003.